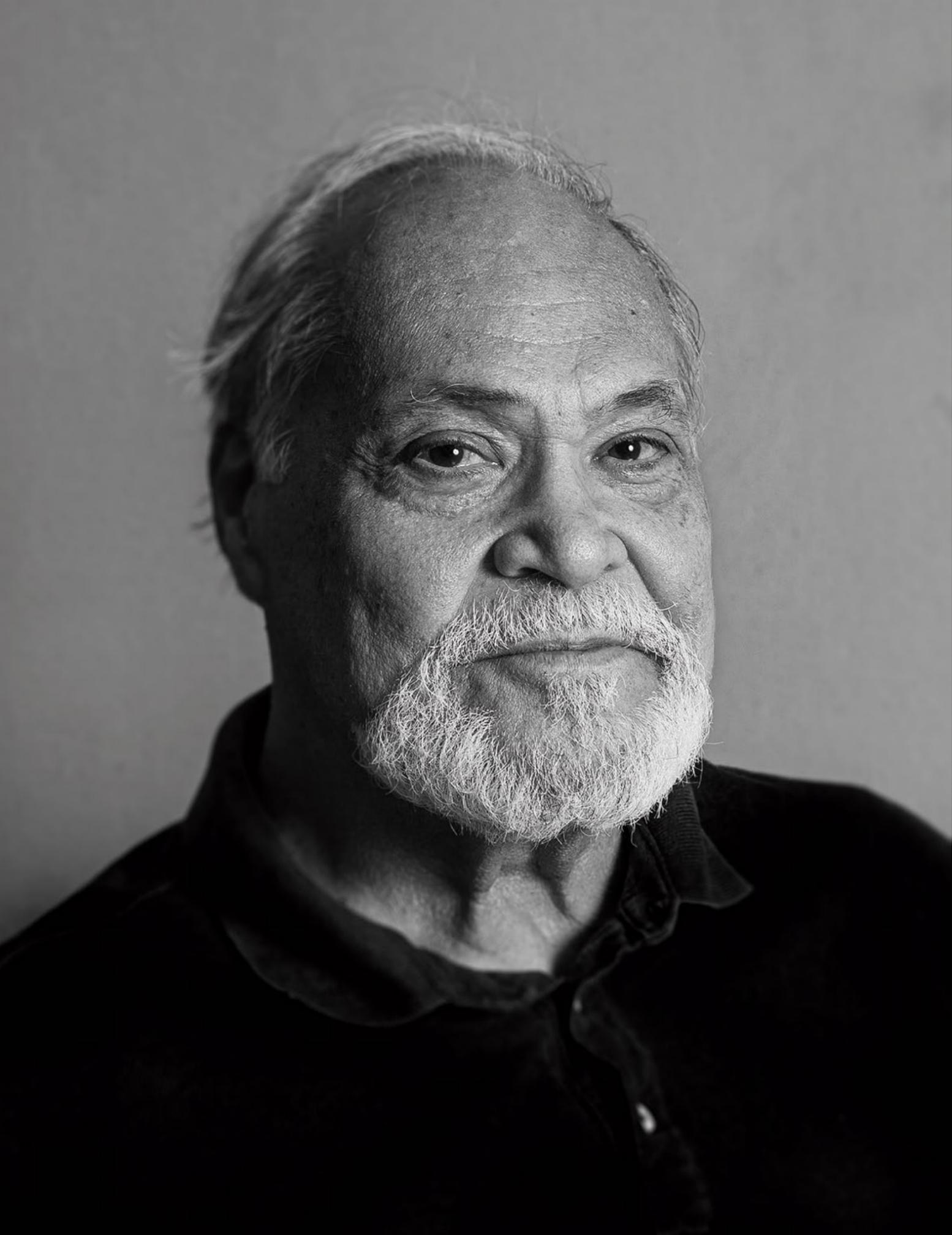




**GILBERTO SALVADOR**  
**MEMÓRIAS RESISTENTES**

CURADORIA DE FABIO MAGALHÃES



**GILBERTO SALVADOR**  
**MEMÓRIAS RESISTENTES**

CURADORIA DE FABIO MAGALHÃES

16 de outubro à 16 de novembro de 2021  
seg à sex 10h às 18h  
sáb 10h às 14h

Rua Dr. Melo Alves, 400  
Cerqueira Cesar - São Paulo

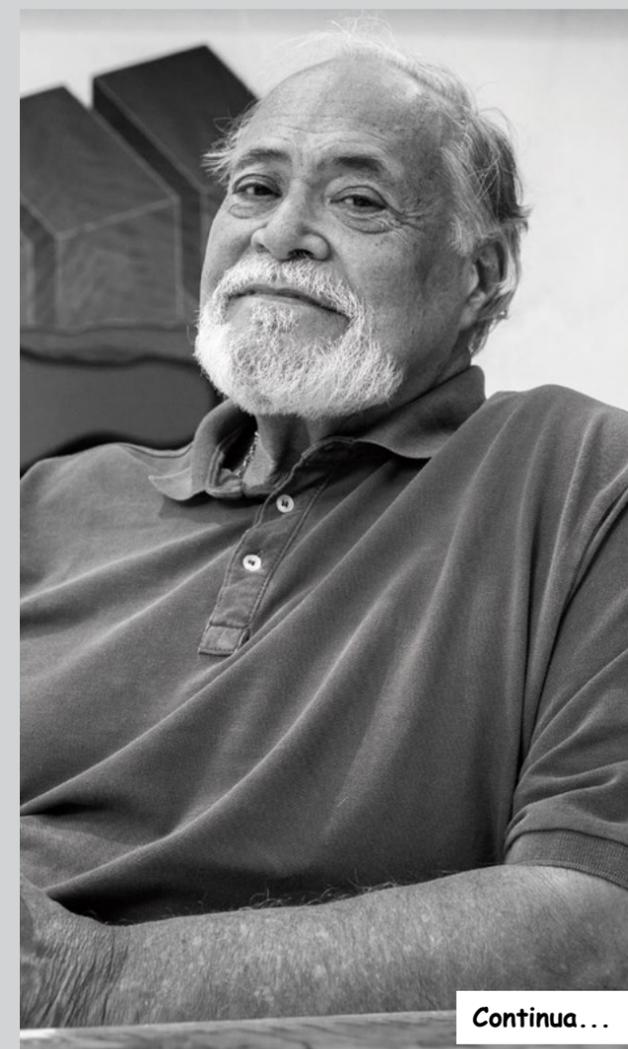
+ 55 11 3064.7575  
[www.galeriafrente.com.br](http://www.galeriafrente.com.br)



O artista em seu atelier na década de 60



O artista em seu atelier - 2021



Continua...

# PEQUENO DIÁRIO DE UMA ÉPOCA REBELDE

FABIO MAGALHÃES



Gilberto Salvador na porta do Teatro de Arena, 1968.

A década dos anos 1960 iniciou-se com otimismo e, até mesmo, euforia. O governo do presidente Juscelino Kubitschek promovera, na década anterior, uma acelerada modernização do país com o mote “50 anos em cinco”. Implantou a indústria automobilística e transferiu a capital do país para o ermo planalto central, a mais de mil quilômetros de distância do Rio de Janeiro. A fundação de Brasília, em 21 de abril de 1960, trouxe novos conceitos de modernidade urbanística, projetando mundialmente nossa arquitetura. A mudança da capital provocou enormes transformações para a região Centro-Oeste, e com a criação da Sudene para o desenvolvimento do Nordeste, dirigida pelo economista Celso Furtado, o governo Kubitschek abriu novos caminhos que levaram considerado progresso para a região. O país virou um canteiro de obras, e a visão otimista era predominante. Projetava-se um futuro luminoso, a curto prazo. Sonhávamos que em breve seríamos uma grande nação, desenvolvida. Finalmente o eterno “país do futuro” teria um presente para orgulhar-se.

Há um samba de Billy Blanco, intitulado *Obrigado, Excelência*, que reflete o otimismo reinante nesse período:

**“...Que bom será o ano que vem  
Recebermos a Lady Rainha convidada pela embaixada  
Do Dr. Chateau  
Quero ver nossa engenharia nessa altura  
Com o nome na história  
Majestade chegando inaugura  
O falado Metrô”**

A década revelou-se revolucionária no campo das ideias, dos costumes, das ciências e das artes. Algumas das descobertas científicas tiveram impacto imediato na sociedade como, por exemplo, a invenção da pílula anticoncepcional, que entrou no mercado em 1960 e provocou mudanças radicais de comportamento. A pílula libertou a mulher, deu-lhe novo protagonismo social e, sem dúvida nenhuma, colaborou para fortalecer os movimentos feministas. Mary Quant introduziu a minissaia, e o famoso slogan “sexo, drogas e rock and roll” agitou a juventude na Europa e nos Estados Unidos e, também, no Brasil.



Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, visitando atelier 1969.

A disputa pela conquista do espaço, espécie de confronto científico-militar da Guerra Fria, também agitou a década e foi iniciada em outubro de 1957 com o Sputnik, o primeiro satélite espacial, lançado pela União Soviética, e culminou com a chegada do homem à Lua, em julho de 1969.

Em 1961, Yuri Gagarin, o primeiro homem a viajar pelo espaço, disse em plena órbita que “a Terra é azul”. A frase imediatamente se tornou famosa e, pouco depois, Vinicius de Moraes compôs *O Astronauta*:

**“Quando eu me pergunto  
Se você existe mesmo, amor  
Entro logo em órbita  
No espaço de mim mesmo, amor**

**...O astronauta ao menos  
viu que a Terra é toda azul, amor  
isso é bom saber  
Porque é bom morar no azul, amor...”**

*de Vinicius de Moraes, com música de Baden Powell*

No Brasil, havia euforia desenvolvimentista e, ao mesmo tempo, ocorria um processo de grandes transformações nas linguagens artísticas. Vale alertar que as raízes da produção artística dos anos 1960 teve origem na década anterior. Em 1958 surgiu a Bossa Nova, com a gravação de João Gilberto da canção *Chega de Saudades*, de Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, mas a gravação só foi lançada no ano seguinte. Ainda no início de 1958, estreou a peça *Eles não usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, no Teatro de Arena, em São Paulo. Nesse mesmo ano foi criado o Teatro Oficina, por José Celso Martinez Correa, Amir Haddad e outros atores. Alguns anos antes, em 1955, surgiu o Cinema Novo, com o filme *Rio, 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos. Nas artes plásticas, a polêmica entre os artistas concretos e neoconcretos dominou toda a década de 1950, e o ambiente das artes visuais foi contaminado pelo debate em torno das ideias construtivas. Esses movimentos atuaram de modo determinante na década seguinte e revolucionaram as poéticas da música, do teatro, do cinema e das artes plásticas em nosso país, projetando a expressão artística brasileira a nível internacional.

Se podemos dizer que a década de 1960 começou dois anos antes, com a Bossa Nova, também podemos afirmar que terminou dois anos antes, em 1968, com o Ato Institucional nº 5, decretado em 13 de dezembro, que deu início ao período conhecido como “os anos de chumbo” da ditadura militar.

Em São Paulo, os Festivais de Música Popular Brasileira, organizados pela TV Record, impulsionaram a renovação da MPB e consagraram jovens intérpretes. Em 1966, o Festival premiou *A Banda*, música de Chico Buarque de Holanda, interpretada por Nara Leão. Surgiram muitos bares voltados para a Bossa Nova que agitaram a vida



É Proibido Dizer Não, 1968/2014.

noturna brasileira. Entre eles, o João Sebastião Bar, de propriedade do jornalista Paulo Cotrim, era considerado o templo da Bossa Nova em São Paulo.

Pois bem, nesse caldeirão de transformações que representou a década de 1960, experimentamos também retrocessos e derrotas, mas criamos sonhos e lutamos por nossas utopias. Foram anos de muita criatividade, de transgressões, de resistência e de rebeldia.

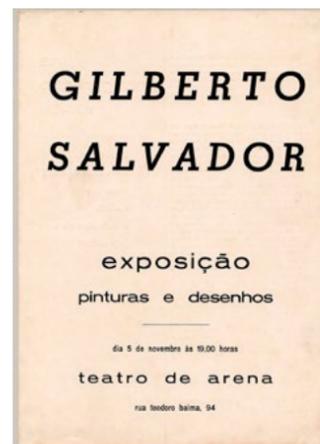
Os artistas procuraram inserir-se em seu tempo e criaram suas obras na velocidade dos acontecimentos sociais, atentos ao dia a dia. A expressão artística era engajada e tomava partido, difundia ideologias. Era solidária com as mazelas da sociedade. Os artistas pretendiam colocar-se na dinâmica das transformações artísticas, mas também na dinâmica social de seu tempo. Nos anos 1960 a arte rompeu com a clausura de ateliê para abraçar o mundo em transformação e conviver com ele.

Gilberto Salvador viveu intensamente o ambiente efervescente das vanguardas artísticas e dos movimentos políticos e sociais desses anos. Engajou-se desde muito jovem na luta pela redemocratização, e sua produção artística denunciava as arbitrariedades do regime militar no poder, mas também ironizava os costumes conservadores e a repressão sexual, incorporou as experiências do abstracionismo geométrico para criar uma figuração inovadora, de forte expressão gráfica e cromática.

## GILBERTO SALVADOR ANOS 1960

**G**ilberto Salvador, tinha 18 anos quando expôs pela primeira vez (1964), na Associação Cristã de Moços, que ficava quase em frente ao Teatro Cultura Artística, no centro de São Paulo, e a poucos metros do restaurante Gigetto, frequentado pela boemia, por músicos, artistas e pela classe teatral. Na mesma calçada ficava a Galeria Casa do Artista Plástico, da escultora Pola Resende. Era na zona central que se dava a vida artística e cultural de São Paulo. O Teatro Municipal, a Biblioteca Mário de Andrade, o MASP e o MAM, o Instituto dos Arquitetos, o Clubinho dos Artistas, as galerias de arte, os cinemas, as livrarias. Isto é, as principais instituições artísticas e culturais ficavam nas cercanias. Poderíamos percorrer a pé todo esse trajeto.

Gilberto frequentava a noite paulistana e convivia com diferentes grupos, muito além do ambiente restrito das artes plásticas. Cultivava amigos que se dedicavam à música (Paulinho da Viola), à literatura (Jorge Mautner), ao teatro (Guarnieri), ao cinema (João Callegaro).



Convite da exposição no Teatro de Arena, 1965.

Sua primeira exposição individual foi realizada no Teatro de Arena, em 1965, a convite do ator e dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri. Naqueles anos o Teatro de Arena era um núcleo cultural de vanguarda e um dos espaços experimentais de nova dramaturgia. As obras apresentadas pelo artista eram de caráter expressionista e revelavam certa influência de Clóvis Graciano e de Aldemir Martins.

Vale ressaltar que Gilberto expôs no Teatro de Arena no mesmo ano em que foi montada a peça *Arena Conta Zumbi*, de Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo. Até hoje um marco da dramaturgia brasileira.



Gilberto Salvador e amigos na peça "Arena Conta Zumbi", 1965.

Em frente ao Teatro de Arena ficava o Bar Redondo, onde artistas intelectuais e boêmios reuniam-se em volta das mesas, até a madrugada, para discutir arte, política e outros temas. Gilberto frequentou o Bar Redondo, mas os locais preferidos pelo artista eram: o Ponto de Encontro, que ficava na Galeria Metrôpole, e o Riviera, na rua da Consolação, em frente ao Cine Belas Artes, onde mais tarde viria a expor seus trabalhos.

O bar Riviera fez história na vida cultural paulistana. Entre seus frequentadores havia muitos artistas plásticos, como Cláudio Tozzi, que era cliente assíduo, mas o bar também era frequentado por cineastas, atores, músicos, escritores. A boemia reunia intelectuais e artistas das mais diversas linguagens e tendências políticas em alguns bares da cidade. Assim como a cidade de Paris tinha o seu Café de Flore, era nos bares que se dava o debate cultural paulistano. Nesses ambientes notívagos corria uma contenda descontraída, prazerosa, muitas vezes litigiosa e até mesmo feroz. A vida noturna formou o jovem artista e permitiu que Gilberto tivesse uma visão mais abrangente de mundo e da vida cultural daquele momento.



Convite da exposição "Vanguarda Jovem" no Teatro de Arena, 1967.

Em 1966, Gilberto voltou a expor no Teatro de Arena, desta vez em companhia de Antonio Peticov, Flávia Lucia e Aldir Mendes de Souza. Os quatro artistas mostraram linguagens divergentes, contudo, se apresentaram como um grupo autodenominado "Vanguarda Jovem", e publicaram um manifesto com suas ideias, afirmando que era preciso "diminuir os hiatos entre o artista e o povo", ou seja, o documento revelava a preocupação de criar uma linguagem baseada em elementos populares, como os cartazes de cinema ou as histórias em quadrinhos.



Convite da exposição "Vanguarda Jovem" no Teatro de Arena, 1966.



Ana Maria, 1967.

Os trabalhos expostos por Gilberto apresentavam uma linguagem inovadora e comprometida com o movimento da Nova Figuração. Desde então, soube criar uma identidade própria, uma linguagem, diversa das demais, dentro da corrente da Nova Figuração. Gilberto desenvolveu sua obra com autonomia, atento ao que ocorria, assimilando, a seu modo, a dinâmica das linguagens de seu tempo.

Gilberto Salvador participou da IX Bienal de São Paulo (1967) com o desenho "Ação Dialética sobre...". Foi sua primeira participação em bienais. A Nova Figuração destacava-se na Bienal, sobretudo, entre os jovens artistas, com José Roberto Aguilar, Rubens Gerchman, Carlos Vergara, Marcello Nitsche, Claudio Tozzi, Carmela Gross. Até mesmo artistas como Maurício Nogueira Lima, participante do grupo concreto, apresentaram trabalhos da Nova Figuração. Nesta Bienal, os Estados Unidos apresentaram uma sala especial em homenagem a Eduard Hopper e um grupo expressivo de artistas da *Pop art*, como Roy Lichtenstein, Richard Lindner, Robert Rauschenberg, James Rosenquist, Andy Warhol, Tom Wesselmann e Claes Oldenburg, que veio a São Paulo e polemizou com Flávio de Carvalho no Clubinho dos Artistas.

Antes da abertura da IX Bienal, a polícia federal retirou do evento a obra de Cybele Varela por julgá-la ofensiva às autoridades militares. A série apresentada por Quissak Jr., "Meditação sobre a Bandeira Nacional", foi retirada por infringir a lei que, na época, proibia o livre uso do símbolo nacional. Curiosamente, na mesma

Bienal, em outra sala, o artista norte-americano Jasper Johns fazia grande sucesso apropriando-se da bandeira de seu país.

A obra de Gilberto continha nítida intenção de denúncia, tanto em relação à situação social quanto aos costumes da época. Sem abandonar seu engajamento político, suas obras revelam inquietações voltadas para satirizar os costumes e a moral vigente. Notamos ainda a presença do erotismo, mas de um erotismo prazeroso, liberto, sem pecados, despreocupado em atender aos "bons costumes" daquele tempo.

A obra "ZET", realizada em 1967, aponta para essa poética erótica, com predomínio de pernas e armas de fogo. "ZET" é um tríptico articulável que se sustenta sobre si mesmo como se fosse um *display*. Nela, o artista já demonstra seu interesse pelo volume.

"ZET" foi realizada em tinta acrílica e colagem sobre duratex, na qual o artista incluiu imagens de mulheres tiradas das páginas de jornais da época, encobertas por uma fina pincelada sem encobri-las. Entretanto, deixou particularmente visível o texto: "Olhe bem, veja com é fácil". Entre as pernas femininas e a pistola Beretta há nítida intenção de ironia, de provocação. Provavelmente o artista produziu esse tríptico influenciado pelo filme *Pierrot le Fou* (1965), de Jean-Luc Godard, no qual o cineasta mistura beleza e glamour com violência.

Gilberto participou, em 1968, do I Salão de Arte Moderna de Santos com duas obras: "Há... Há... Há...!" e "Um, Dois, Três". Neste evento o artista foi premiado. Não obstante, as duas obras foram parcialmente destruídas por agressores que invadiram o Salão de Arte.



Zet, 1967.

Há... Há... Há..., 1968/2009.



O ano de 1968 foi de grande agitação, de confrontos e de resistência à ditadura militar. Muitas obras consideradas ofensivas ao poder foram vandalizadas em plena exposição, enquanto outras foram censuradas e impedidas de participar das mostras. No mesmo ano em que destruíram as obras de Gilberto Salvador em Santos, arruinaram também o grande painel “Guevara Vivo ou Morto”, de Claudio Tozzi, no IV Salão Nacional de Arte Contemporânea de Brasília. Hoje essa obra pertence ao MALBA, na Argentina. Diversos outros artistas tiveram obras destruídas: José Roberto Aguilar, Rubens Gerchman, Nelson Leirner, Abraham Palatnik, entre tantos outros.

Muitos filmes e músicas foram censurados, peças de teatro foram hostilizadas e retiradas de cartaz, livros foram recolhidos das editoras e tiveram sua comercialização proibida. Os jornais eram censurados antes de serem impressos. Mesmo assim, a repressão não conseguiu intimidar os artistas, a resistência ao arbítrio mantinha-se aguerrida, buscando sempre abrir espaços para expressar-se.

A X Bienal de São Paulo foi aberta em 1969, depois do AI-5, sob amplo boicote internacional. O boicote cresceu em decorrência do ato repressivo que havia censurado e fechado a mostra organizada no MAM do Rio de Janeiro, proibindo que os artistas selecionados representassem o Brasil na *Biennale des Jeunes*, em Paris.

A interferência repressiva do poder militar teve enorme repercussão na França e, em diversos países, provocou manifestações de solidariedade aos artistas brasileiros. No Brasil, Mário Pedrosa repudiou o ato do governo e, como presidente da ABCA - Associação Brasileira de Críticos de Arte, deu início ao boicote a todas exposições que tinham apoio governamental, entre elas, a X Bienal de São Paulo. O movimento a favor do boicote ganhou proporção internacional e muitos convidados pela Bienal recusaram-se a participar. Em Paris, os artistas reuniram-se no *Musée d'Art Moderne*, liderados pelo crítico de arte Pierre Restany, e divulgaram um manifesto com centenas de assinaturas denunciando a prática de censura no Brasil. Não obstante, outros setores da resistência democrática no Brasil não concordaram com o boicote e apoiaram a realização da X Bienal, entre eles, o renomado físico e crítico de arte Mário Schenberg, que exercia forte liderança junto à classe artística e, particularmente, junto a Gilberto Salvador.

Gilberto decidiu acompanhar a posição contra o boicote. Seguindo os objetivos anunciados por Francisco Matarazzo Sobrinho – que pretendia dar ênfase à relação da arte com a tecnologia –, para a X Bienal, Gilberto apresentou três objetos (robóticos) em uma sala especial intitulada *Novos Valores*, com curadoria de Schenberg.

O ano de 1969 representou um momento de transformação radical de sua poética artística, provocada talvez pelas constantes polêmicas com Waldemar Cordeiro e com Maurício Nogueira Lima, com quem compartilhou ateliê. Em depoimento, o artista relatou sua intenção ao refletir sobre arte e tecnologia para apresentação de seu trabalho na “Bienal do Boicote”, como ficou conhecida. Ele pretendia



Bang, 1969.



Atelier na Vila Prudente, peças da X Bienal Internacional de São Paulo – Peças hoje no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo 1969.

apresentar uma obra de expressão política, até mesmo pela polêmica que o evento suscitava. Assim, exibiu objetos de metal como alegoria da violência militar – os volumes metálicos e suas estruturas geométricas representam a força, e a cor vermelha, que extravasa os volumes, representa o sangue derramado pelas vítimas. Hoje, o conjunto escultórico pertence à Pinacoteca do Estado de São Paulo.

No meu entender, o conjunto apresenta uma expressão estrutural mais poderosa do que os objetivos metafóricos de denúncia política apresentados pelo artista. Os três objetos metálicos representam um rompimento na sua expressão plástica e abriram caminho para os “Rodantes”, que foram expostos pouco depois, na 3ª Jovem Arte Contemporânea, organizada por Walter Zanini, no MAC-USP.

Os “Rodantes” significaram um salto de linguagem na sua produção nos anos 1960. Diferem de tudo que já produzira até então. Gilberto pretendia incentivar o público a interagir com suas obras. São objetos cinéticos, construídos em aço inox policromado, com esferas coloridas de isopor e acrílico, que exploram o potencial visual do objeto em movimento. Ao serem acionadas, as esferas adquirem situações sempre renovadas e surpreendentes. Ao moverem-se, as esferas se transformam em objetos saltantes, incorporando efeitos cromáticos pelo rebatimento dos planos e pelos espelhamentos.

Embora silenciosos, os “Rodantes” sugerem sensações sonoras como se os planos metálicos e as esferas de cor, ao se moverem, nos oferecessem temas musicais.

Mas a década de 60 chegava ao fim. Nos anos 1970 a poética de Gilberto Salvador trilhou novos caminhos.



Múltiplos rodantes em atelier em conjunto com o colega Maurício Nogueira Lima. 1969.



O retrato frontal de Ana foi executado em duas tonalidades de verde. Linhas soltas e livres constroem o rosto e definem os cabelos da personagem.

Em outro plano, de tonalidade vermelha e que se contrapõe ao verde, o artista delineou suavemente o corpo de Ana, que é trespassado por um fuzil.

Uma zona de azul separa os dois territórios de cores de contrastes – verde e vermelho. A superfície de vermelho, onde as letras ANA se destacam, se sobrepõe ao plano verde do retrato.

A própria composição estabelece no espaço a alegoria de tempo, vale dizer, de tempos diversos, de tempo de memória. Gilberto Salvador retratou Ana Maria e sua memória afetiva – o corpo amoroso envolto a uma realidade de violência política.

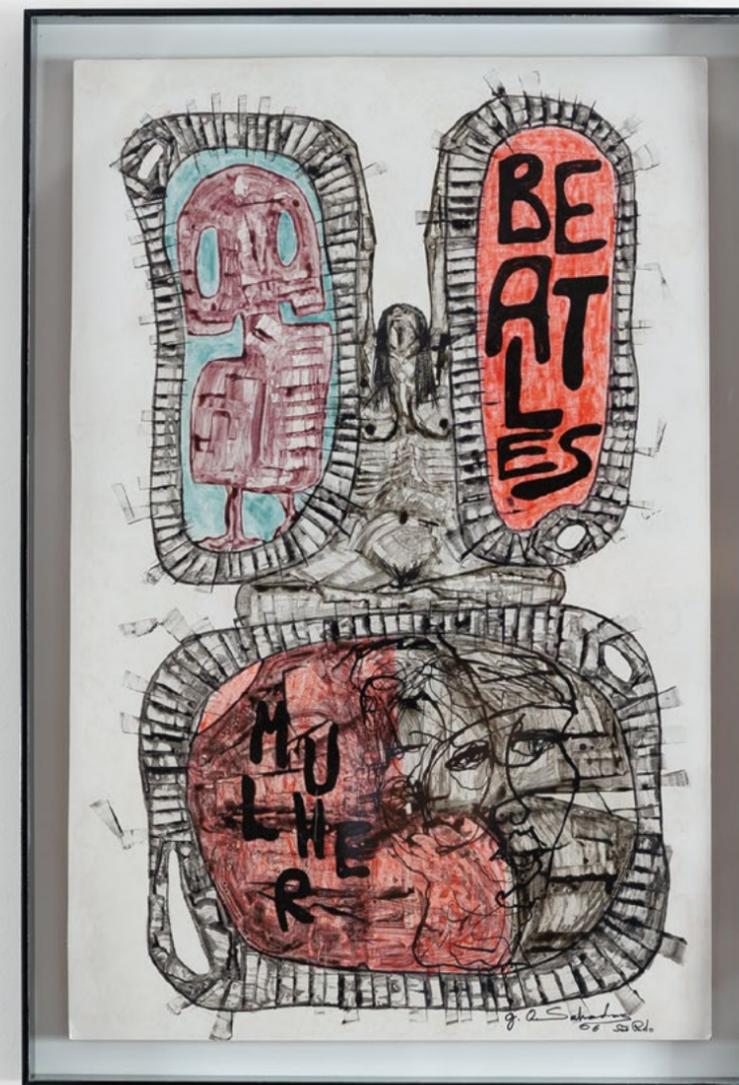
O retrato de Ana talvez seja o trabalho com maior preocupação de uma abordagem subjetiva ou psicológica realizado naqueles anos. A expressão do artista volta-se para o estado emocional da retratada e, por que não dizer, para o estado emocional de uma época – a década dos anos 1960.



*Ana Maria*  
acrílica sobre placa  
81 x 64 cm  
ass. inf. esq.  
1967

A pesar da exposição individual no Teatro de Arena realizada em 1965, podemos afirmar que 1966 foi o ano que o consolidou como artista de vanguarda no meio artístico nacional. Neste ano realizou diversas exposições, participou do II Salão de Arte Contemporânea de Campinas, recebeu a Medalha de Ouro no Salão da Época, em Porto Alegre, e montou seu primeiro ateliê na rua Japurá, em São Paulo.

A Beatlemania atingiu o mundo depois da *tournée* realizada pela banda nos Estados Unidos em 1964. O *Daily News* publicou que nem mesmo Elvis Presley havia provocado tamanha reação de loucura por parte dos fãs. Em 1966, os Beatles gravaram o álbum *Revolver*, de enorme repercussão no Brasil, e trazia na canção *Eleanor Rigby* uma poética que trata do tema da solidão. No mesmo ano, Gilberto Salvador criou a obra “Beatles Mulher”, na qual reproduziu a paixão que envolvia sua geração com o ritmo, a melodia e as letras do grupo inglês. A obra apresenta elementos de poética expressionista, mas já contém elementos gráficos da Nova Figuração



*Beatles Mulheres*

técnica mista sobre papel kromekote

50 x 32 cm

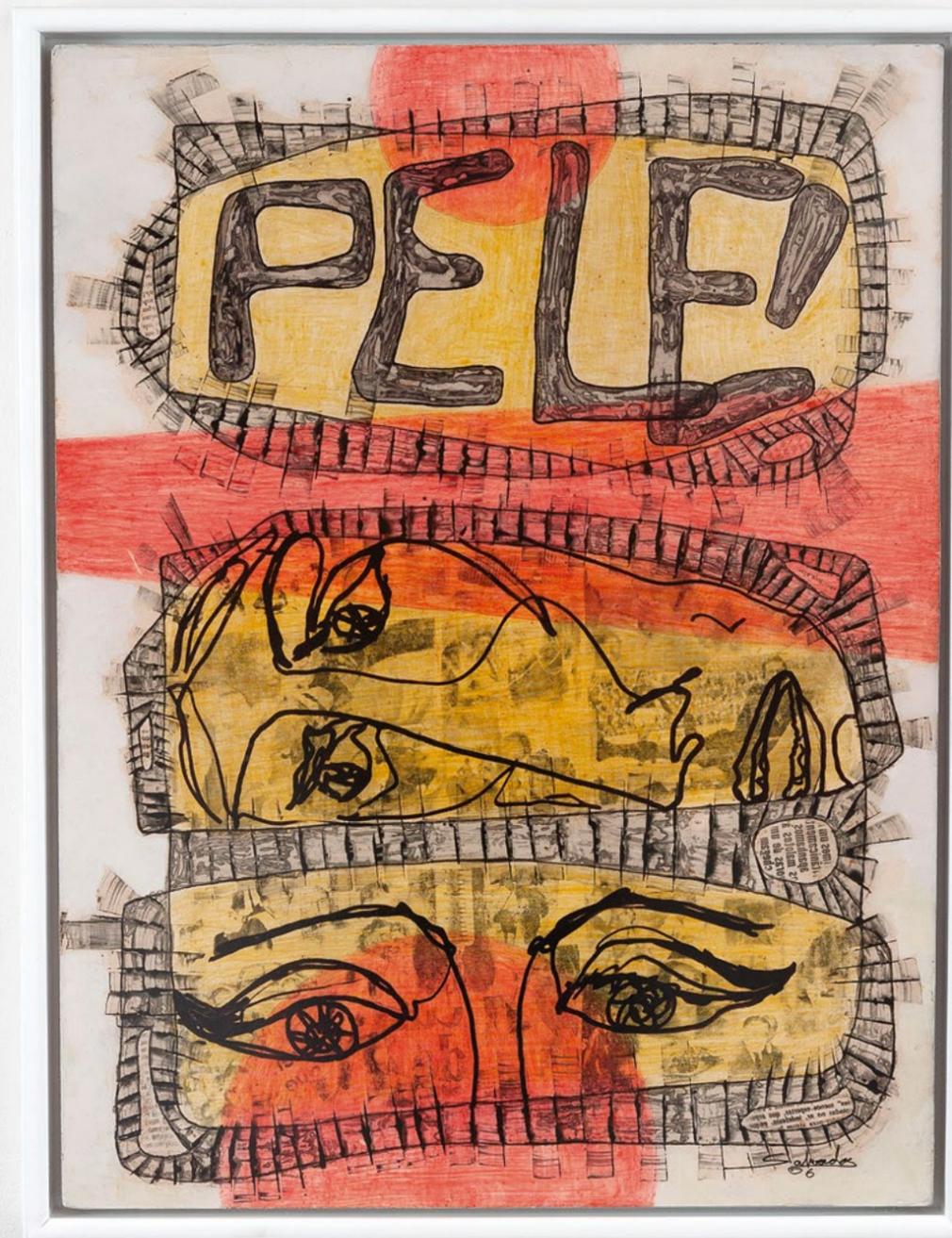
ass. inf. dir.

1966

Obra realizada na mesma época de “Beatles Mulheres”, ou seja, no período emergente de Gilberto Salvador como artista de vanguarda no movimento artístico paulista. A obra “PELÉ?” já adota linguagens da Nova Figuração.

O tema é tratado como uma notícia de jornal, como uma manchete em meio a outras notícias. Embora o desenho mantenha referências expressionistas, é apenas no ano seguinte (1967) que Gilberto Salvador irá construir imagens de matriz publicitária ou oriundas das histórias em quadrinhos. Contudo, na obra “PELÉ?”, já revela diversos elementos das tendências de vanguarda, da figuração pós abstrata.

A comunicação é direta e objetiva como as de um cartaz de cinema. Há ainda uma narrativa que se organiza para tratar temas de comportamento social – Pelé, o grande ídolo daqueles anos, e o tema da mulher, sempre recorrente na obra do artista.



*Pelé*  
técnica mista sobre papel kromekote  
70 x 60 cm  
ass. inf. dir.  
1966

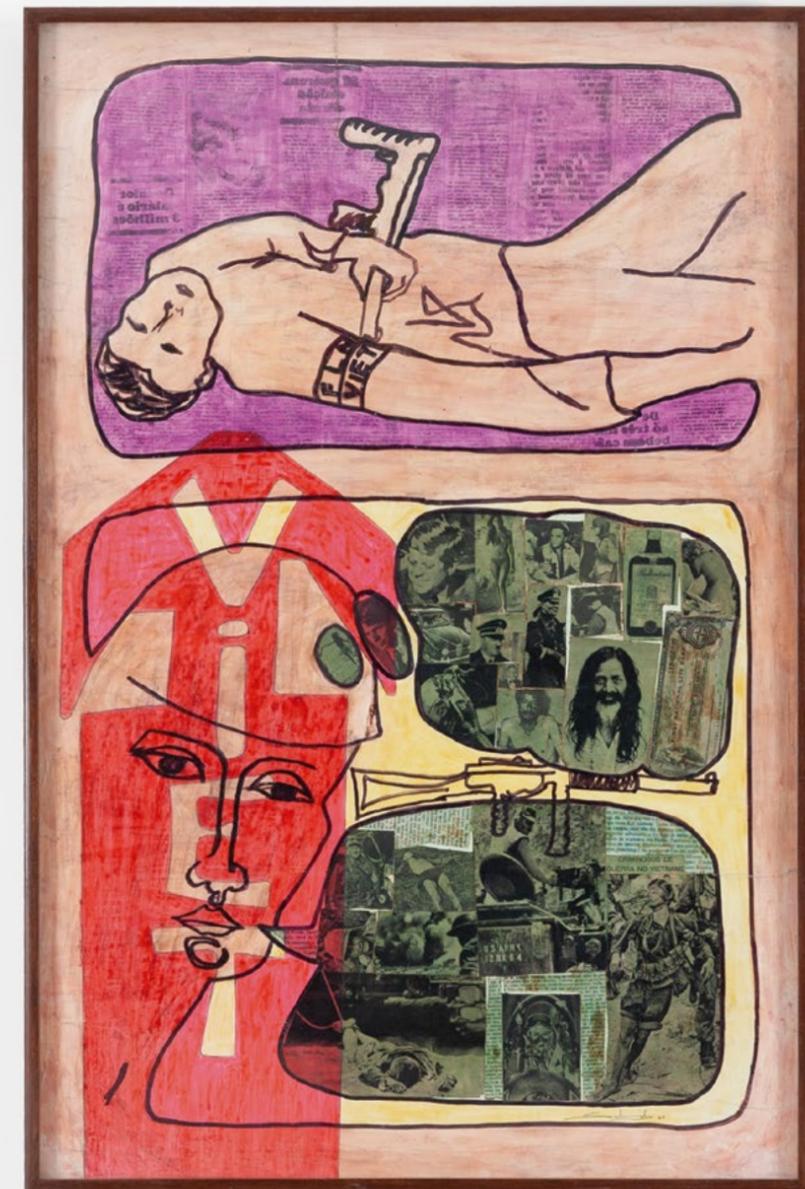
Obra da juventude realizada quando o artista tinha 21 anos e já se destacava no meio artístico. A linguagem de Gilberto mantinha estreita relação com os acontecimentos de seu tempo. Para o crítico Mário Pedrosa, a arte nos anos 60 respondia a situações socioexistenciais.

Em 1967, Gilberto Salvador participou, pela primeira vez, da IX Bienal Internacional de São Paulo, com o desenho “Ação Dialética Sobre ...”, que aborda o tema da Guerra do Vietnã, conflito de grande destaque naqueles anos.

Gilberto era gregário, não se isolava no ateliê e, assim, conviveu com problemas que diziam respeito a outras áreas de criação, como o cinema e o teatro, que experimentavam novas linguagens. Essa convivência contribuiu para ampliar sua compreensão do mundo e também para acrescentar novos elementos às poéticas de sua própria linguagem. A obra “Vietnã” tem tratamento cinematográfico nos cortes, nos planos. Percebemos a utilização de recursos cênicos na composição espacial dos desenhos e colagens.

Dois anos antes do artista produzir “Vietnã”, o escritor e músico Jorge Mautner, amigo de Gilberto nos anos 1960, deixou um belo depoimento: “... A visão da realidade social, em Gilberto Salvador, em vez de nos provocar o horror e o desespero, nos provoca uma sensação de confraternização, de esperança, por causa da visão lírica e idealista em que Salvador nos mergulha pela doçura e suavidade das cores, dos traços.” E conclui: “Salvador é companheiro nesta grande luta, da qual todos nós participamos. Escrever sobre sua pintura é escrever sobre esta grande luta humana e social.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Jorge Mautner, texto de apresentação da primeira exposição individual de Gilberto Salvador, realizada no Teatro de Arena (SP), em novembro de 1965. Vale ressaltar que nessa época o Teatro de Arena encenava a peça *Arena Conta Zumbi*, que revolucionou a cena brasileira.



*Vietnã*  
técnica mista e colagem sobre papel kromekote  
100 x 65 cm  
ass. inf. dir.  
1967

Utilizando uma linguagem de comunicação de massa, notamos a construção de uma narrativa erótica e bem humorada, de um erotismo sem pecados, prazeroso, liberto, despreocupado em atender à moral vigente. A transgressão salta alegremente sobre o *establishment*. É preciso ultrapassar os limites que nos são impostos.

Nos anos 1960 houve grandes mudanças de comportamento social. A pílula anticoncepcional foi considerada a descoberta da década! E teve enorme impacto nas relações afetivas, sem dúvida colaborando para a mudança nos costumes e para o surgimento dos movimentos feministas. A liberdade sexual impulsionou os movimentos da contracultura daqueles anos e atacou a sociedade machista dos anos 1960.

Gilberto se expressa dentro dos princípios da cultura *pop*. O artista se apropria das linguagens do cinema, do teatro e da televisão. “Enfim Consegui Pular” é uma obra em movimento, uma obra de ação.

O próprio artista confirma a influência do cinema na sua obra, em particular, de Jean-Luc Godard – *Acossado* (1960), *Masculino, feminino* (1966), filmes que refletem os temas de liberdade, amor e política.



*Enfim Consegui Pular*  
acrílica sobre madeira  
111 x 180 cm  
ass. inf. dir.  
1967

**Z**ET” é uma obra tripartite realizada em 1967, na qual o artista se expressa com predomínio gráfico e vigor cromático, servindo-se de colagens, pintura e efeitos da tridimensionalidade.

“ZET” foi concebida como um tríptico articulável que se sustenta sobre si mesmo, como se fosse um display e, desse modo, cada módulo torna-se independente e adquire autonomia expressiva no espaço. O suporte foi construído em madeira compensada (duratex), tinta acrílica e colagem. Gilberto colou folhas de jornal com notícias e deixou legível a frase: “*Olhe bem, veja como é fácil*”, com o objetivo de provocar ambiguidade entre erotismo e violência, entre pernas e revólver. Segundo o artista, esses trabalhos foram influenciados pelo filme *Pierrot le Fou*, de Godard (1965), no qual o cineasta mistura beleza e *glamour* com violência.

O tema da violência está presente nos anos de ditadura militar e nos trabalhos realizados por Gilberto em 1967. Não obstante, o artista trata da violência de modo sarcástico, e afasta seu discurso visual de enfrentamentos simplistas do jogo de contrários. A ironia, por definição, é um modo de exprimir em que se diz o contrário do que se pensa. Assim sendo, o artifício de linguagem acrescenta vários matizes para interpretação dos temas. Ou seja, o discurso visual acaba se fortalecendo pelas indagações e ambiguidades que a ironia provoca.



Zet 1, 2 e 3  
acrílica e colagem sobre placa  
60 x 105 cm  
ass. inf. dir.  
1967



Vista lateral



Zet 4, 5 e 6  
acrílica e colagem sobre placa  
60 x 135 cm  
ass. inf. esq.  
1967

Díptico realizado em 1967 aponta para uma poética erótica com predomínio de pernas e armas de fogo. Nela Gilberto Salvador explora o aspecto tridimensional e reinterpreta a volumetria dos *displays* publicitários de cinema, que exerceram enorme fascínio na sua juventude. O artista utiliza elementos plásticos oriundos da abstração lírica e expressionista para a representação do corpo humano, e também elementos derivados das linguagens construtivas, ambos oriundos da década anterior. Vale ressaltar que uma das características da nova figuração, não é a negação das linguagens abstratas, mas a sua incorporação na construção da figura.

Obra referencial do artista para os desdobramentos de sua expressão escultórica, em particular da obra que representou o artista na X Bienal Internacional de São Paulo e que hoje pertence à Pinacoteca do Estado de São Paulo



Zet 7 e 8  
acrílica e colagem sobre placa  
60 x 140 cm  
ass. inf. dir.  
1967

O título da obra foi tirado de uma expressão que faz parte da etapa final e definitiva do jogo das bolinhas de gude – “*Carambolou morre na primeira mão, vai para a matança*”.

Gilberto Salvador usa a expressão do jogo infantil como metáfora política para criticar as relações entre Estados Unidos e Brasil na década dos anos 1960 e alude também à *Teoria do Dominó*<sup>1</sup>, vigente na geopolítica da Guerra Fria. A linguagem é direta, de outdoor, como nos cartazes publicitários que invadem o espaço urbano. A figuração é tratada como design gráfico, representa uma mensagem, um problema, um significado, ou ainda, um objeto poético. Independentemente do tema, há uma força construtiva que adensa todos os elementos e forma um todo, compacto, prestes a desintegrar-se.

<sup>1</sup> A Teoria do Dominó foi uma doutrina da política externa americana adotada durante a Guerra Fria (1947-1991) e que postulava a seguinte tese: se um país tombar frente ao comunismo, os países com os quais este fizesse fronteira tombariam em seguida.



*Vai pra Matança*  
acrílica sobre madeira  
58 x 130 cm  
ass. inf. dir.  
1968

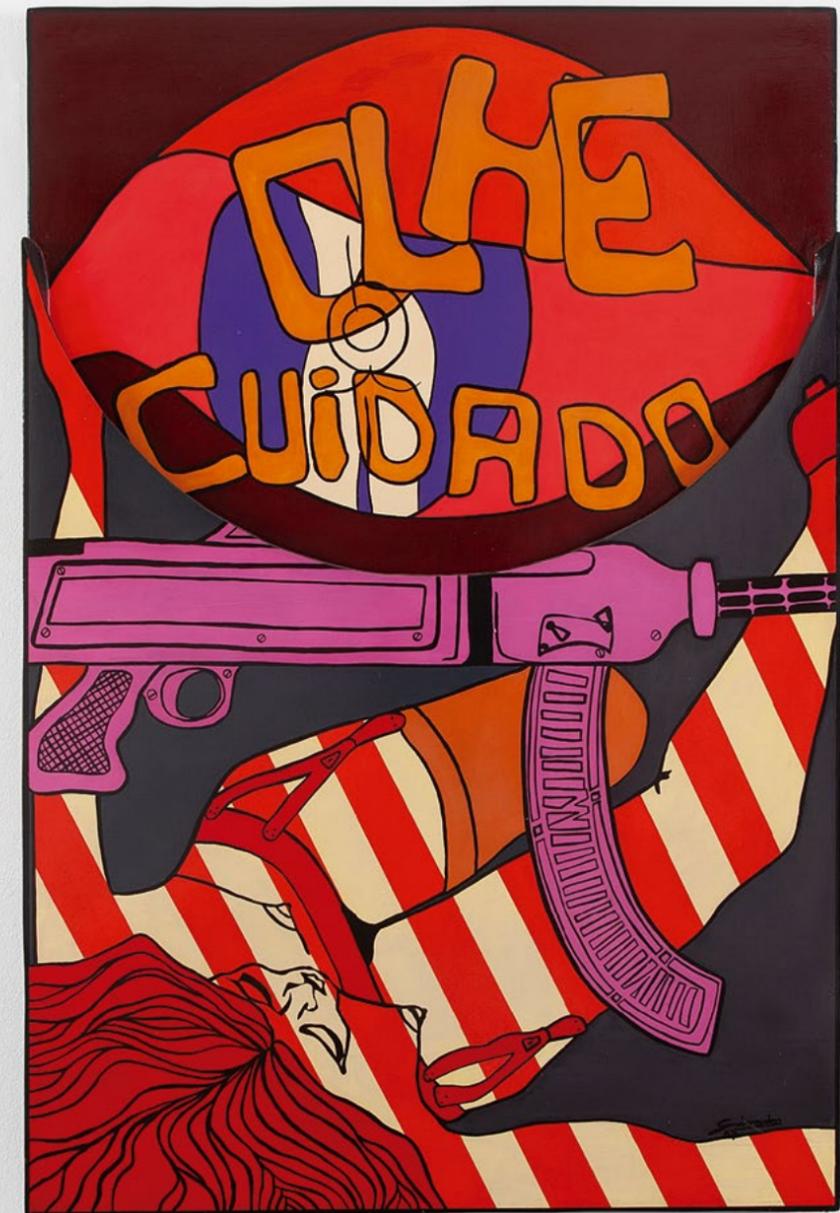
**B**lofft!" é uma obra típica do período *pop* da Nova Figuração. O título é onomatopaico e bem humorado – o consumo se derramando sobre o poder e a violência. O recorte das figuras projeta a narrativa para o espaço, como uma ação cinematográfica.



*Blofft!*  
acrílica sobre madeira  
110 x 88 cm  
assinado  
1967

**G**ilberto sempre incorpora elementos da abstração geométrica à sua figuração. As experiências concretistas, da década anterior, sempre chamaram a sua atenção. Talvez isso explique a sua proximidade com Waldemar Cordeiro e com Maurício Nogueira Lima, que foi seu companheiro de ateliê.

Há um comentário do crítico de arte Jacob Klintowitz publicado na revista *Isto É*, décadas depois, mas que se aplica perfeitamente à produção do artista na década dos anos 1960: "Gilberto Salvador trabalha como se o seu olho fosse uma câmera cinematográfica... Cuidadosamente ele isola as partes do fotograma que lhe servem à comunicação ou o ângulo que convém mais ao seu discurso."



*Olhe: Cuidado!*  
acrílica sobre madeira  
120 x 81 cm  
ass. inf. dir.  
1967

O advento da televisão, na década anterior (1950), revolucionou os meios de comunicação de massa em nosso país. Os anos 1960 consolidaram a chamada sociedade de consumo. A publicidade da Kolynos se celebrou pela veiculação massiva, popularizando a embalagem de fundo verde com o nome estampado em amarelo.

“Kolynos” é uma obra de 1967, quando o artista passa a recortar as imagens, como nos cartazes de cinema. As imagens pintadas ou retiradas das revistas e dos jornais são fixadas sobre um suporte de madeira que é recortado seguindo o contorno dos objetos e dos personagens. O tema tratado pelo artista se relaciona com os sistemas de comunicação de forte presença na vida cotidiana. “Kolynos” acentua ambiguidades de significado. “Agora já Sei” nos propõe mais dúvidas do que certezas. Será que sabemos?

Nessa época, Gilberto criou um conjunto de obras questionando os símbolos da nossa sociedade de consumo, tais como Coca-Cola, Esso, Shell. Segundo o artista: “A presença da arma era para dar um certo significado para a situação de violência por que estávamos passando. Há uma sutileza que é a mudança da cor da embalagem. Introduzi o fundo preto, deixando um certo ar de morte que acompanha a arma.”



*Kolynos*  
acrílica sobre madeira  
104 x 95 cm  
assinado  
1968



Há... Há... Há...!  
acrílica sobre madeira  
250 x 730 x 2 cm  
assinado no verso  
1968/2009

**H**á...Há...Há...!" é formada por um conjunto de quatro peças independentes que se encadeiam no espaço entre representações de sinais de reticências e de um ponto de exclamação.

O artista estabeleceu na obra "Há...Há...Há...!" um forte protagonismo das legendas ao estilo das histórias em quadrinhos, já adotados pela *Pop art* nos Estados Unidos e pela Nova Figuração na arte brasileira. O texto e as imagens aludem para situações de ordem política (a grande boca americana que ri) e para as mudanças de costumes, sobretudo apontam para o tema da liberação sexual, presente no movimento feminino e bastante atuante naqueles anos. Vale ressaltar que o artista abordou certos temas de costumes antes mesmo das grandes manifestações estudantis de 1968, realizadas em Paris, quando surgiu nos muros a famosa frase – "É proibido proibir". Os diversos recortes de madeira pintados articulam grandes dimensões no espaço, com expressões de humor e de sensualidade, usando as cores das bandeiras dos Estados Unidos e do Brasil. Há inúmeras possibilidades

de articular a obra no espaço, no ordenamento dos diversos recortes de madeira. A obra foi premiada no I Salão de Arte Moderna de Santos, realizado em 1968, que teve o seguinte Júri: Aracy Amaral, Fabio Magalhães, Maria Eugênia Franco, Walmir Ayala e Walter Zanini. O artista apresentou, também, no mesmo Salão a obra "Um, Dois, Três".

"Há...Há...Há...!" e sua premiação incomodaram o ambiente autoritário e radicalizado daqueles anos e, por mais absurdo que pareça, pessoas não identificadas invadiram o Salão de Arte Moderna de Santos e destruíram parcialmente a obra de Gilberto Salvador. Na década de 1960, foram vandalizados trabalhos de diversos artistas. Apesar das agressões, o movimento artístico de vanguarda não arrefeceu e desempenhou um papel importante para a cultura brasileira e para a redemocratização do país. Em 2012, muitos anos depois, "Ha... Ha...Ha...!" foi totalmente restaurada pelo artista e exposta na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2013.



Um, Dois, Três  
acrílica sobre madeira  
120 x 290 x 2 cm  
assinado  
1968

Um, Dois, Três” participou do I Salão de Arte Moderna de Santos, em 1968. Nessa ocasião, a mostra foi invadida e parte da obra, danificada. Ela foi restaurada pelo artista em 2012 para participar de sua exposição individual, realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2013. Trabalho tripartite sequencial representando mãos que sinalizam – um, dois, três –, em três tempos sequenciais. Em cada etapa cresce a área de vermelho sobre o verde e amarelo, mas há ambiguidade no significado cromático das zonas expandidas que aludem ao crescimento da influência norte-americana e, ao mesmo tempo, o vermelho pode representar a consolidação do ideário de esquerda. A linguagem dos cartazes de publicidade foi trabalhada de modo intencional.

A objetividade peremptória no tratamento do assunto conduz a uma imposição, a um sentimento de ordem, contudo, esse determinismo é questionado pela ambiguidade já mencionada. Em uma entrevista realizada em 2013, Gilberto Salvador afirma: “Meu trabalho acabou se aproximando da linguagem dos cartazes de cinema. Eu andava pelo centro da cidade e via aqueles cartazes, todos recortados, onde aparecia o herói saído de dentro do plano. Eles não eram bidimensionais, já tinham volume. Hoje existe a computação, mas na época era uma linguagem que saía da pintura e beirava a escultura. Aquilo me fascinou. Então, meu trabalho na época foi dirigido por essa linguagem, acoplado a um discurso político e ideológico.”

O ano de 1968 foi de intensa atividade artística e de grandes convulsões sociais. Inúmeras passeatas tomavam as ruas de São Paulo reivindicando a restauração democrática. A Guerra do Vietnã era o conflito de grande destaque na imprensa daqueles anos, e a juventude mundial se envolveu numa campanha pela paz, pelo cessar fogo.

O efeito visual de “BANG” tem potencial sonoro, dinamiza a ação visual do tema e transforma a narrativa em um confronto entre a obra e o espectador. Ou seja, Gilberto construiu uma linguagem que nos impulsiona para o centro da cena.

As imagens da Guerra do Vietnã postadas nas páginas dos jornais foram coladas sobre o papel Kromekote, e levemente encobertas por uma tonalidade avermelhada. Desse modo, as imagens atuam como pano de fundo, espécie de cenário, para a ação que se dá frontalmente ao espectador – o tiro de revólver. O tema revela um artista engajado e preocupado com os temas candentes de seu tempo.

Entre as cenas de guerra, Gilberto Salvador incluiu fragmentos da famosa foto de Eddie Adams, realizada no dia 1º de fevereiro de 1968, que abalou o mundo naquele ano. A imagem mostra o chefe da Polícia do Vietnã do Sul apontando sua arma para a cabeça de um prisioneiro nas ruas de Saigon, segundos antes do disparo. Eddie Adams, fotógrafo e jornalista, ganhou o prêmio Pulitzer de 1969 com essa foto.



*Bang*

técnica mista e colagem sobre papel kromekote

48 x 50 cm

ass. inf. esq.

1969

Muitas das obras de Gilberto realizadas nos anos 1960 representam paródias da vida real. Paródias que expressam preocupação e inconformismo com os problemas do mundo lá fora. São pinturas que contrariam significados consagrados. Sinais (seta vermelha), gestos (OK verde amarelo), palavras (VIU azul) – ao representá-los, o artista altera seus significados originais e os coloca numa situação de ambiguidade. Essa transgressão questiona o conceito expresso para atuar como um sinal trocado. Ou seja, onde se lê “Tudo ok, viu!” sugere que coisas não vão nada bem, viu!



*Viu...!*  
acrílica sobre madeira  
168 x 85 cm  
assinado  
1968

**E**m 1968 viveu-se uma época de grande tensão no regime militar. Houve forte mobilização popular que pedia o restabelecimento da democracia. Comícios e passeatas eram reprimidos. Nesse contexto, Gilberto criou a serigrafia “É Proibido Dizer não”. A obra é de síntese gráfica e geométrica – de grande força comunicativa. Trata-se de uma obra contundente, na forma e no conteúdo. Expõe uma boca que abre e grita “Não”, e a fala é interdita pelo sinal de trânsito.

Para exposição na Galeria Frente, o artista refez as serigrafias, a partir da matriz original, mas com aplicação de novas cores e com um suporte de papel.



*É Proibido Dizer Não*  
serigrafia  
100 x 136 cm  
assinado  
1968/2014  
Exemplar nº 8/20.

Os “Rodantes” de Gilberto Salvador foram criados no final da década de 1960 e significaram um salto na sua linguagem. Diferem radicalmente de tudo que o artista havia produzido até então. Ao construí-los, Gilberto pretendia provocar o público a interagir com as obras. São objetos cinéticos, construídos em aço inox policromado, com esferas coloridas de isopor e acrílico, que exploram o potencial do movimento, e, ao serem acionados, adquirem situações visuais sempre renovadas e surpreendentes.

A renovação não ocorre apenas pelo movimento das esferas ou cubos, que se transformam em objetos saltantes, mas também pelos efeitos visuais de rebatimento de planos, pelos espelhamentos e pela dinâmica das superfícies de cor.

Segundo Gilberto Salvador: “...Houve uma pessoa muito importante na [minha] maneira de pensar a arte, que foi o Waldemar Cordeiro. Discutíamos o tempo todo, apesar de grandes amigos. Em 1969 as obras Robóticas, que apresentei na X Bienal Internacional de São Paulo, refletiam a questão da emoção e do racional. O Waldemar encaminhava a discussão para a *computer-art*, dentro da qual a tecnologia se sobrepunha à poética, eu resistia a essa ideia. Penso que, queira ou não queira, a poética será sempre humana e torna inevitável o embate entre o lógico e o emocional, entre o geométrico e o gestual, entre a construção e a desconstrução.”

Participou da 3ª Jovem Arte Contemporânea, organizada pelo MAC-USP. Uma peça dessa série pertence à coleção do Museu de Arte Contemporânea de Campinas.



*Rodante*  
aço inoxidável policromado com componentes de isopor e acrílico  
40 cm Ø  
assinado  
1969









# CRONOLOGIA

**1946** Nascimento, 16 de dezembro, São Paulo.

**1964** **Exposição coletiva na Galeria da Associação Cristã de Moços, São Paulo**  
Aos 17 anos, em entrevista, comenta que as obras são da segunda fase de sua carreira: “Tive uma primeira fase, que foi um primitivismo. Agora, na segunda, tento expressar opiniões humanas” (*Revista ACM*, maio de 1964).

**1965** **“Gilberto Salvador: pinturas e desenhos”. Galeria do Teatro de Arena, São Paulo. Exposição individual**  
No texto de apresentação, Jorge Mautner identifica um “idealismo realista” na produção do artista, por seus trabalhos possuírem um conteúdo realista, sem cair na caricaturização, e um lirismo que se percebe na suavidade de cores e traços. Para Mautner, a realidade social contida nos trabalhos de Gilberto Salvador não provoca horror e sofrimento, mas um sentimento de confraternização.

## **I Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea de Campinas**

**1966** **“Gilberto Salvador – desenhos e cores”. Artécnica Galeria, São Paulo. Exposição individual**  
Citação do artista para matéria da *Folha de S. Paulo* (“Gilberto, de Dylan a Pelé”, 1966):

*“Para mim o mais importante não é propriamente ser ou deixar de ser de vanguarda, mas poder me comunicar com o público. A arte precisa alcançar todos, e não ficar apenas ao alcance de um reduzido número de pessoas. É com essa finalidade que agora realizo a mostra de desenhos”.*

**“Vanguarda Jovem no Arena”. Teatro de Arena, São Paulo. Exposição coletiva**  
Lança, com Antonio Peticov, Flávia Lucia e Aldir Mendes de Souza, o movimento Vanguarda Jovem. O grupo ocupa a galeria do Teatro de Arena numa espécie de festival e planeja realizar exposições mensais, conferências e debates em diversos campos artísticos.

## **II Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea de Campinas**

Salão da Época, Porto Alegre – Contemplado com Medalha de Ouro.  
Monta seu primeiro ateliê, na rua Japurá, com Douglas Marques de Sá.

**1967** **“Vanguarda Jovem no Belas Artes”. Galeria de Arte do Cine Belas Artes, São Paulo. Exposição coletiva**  
Inauguração da exposição coletiva do grupo Vanguarda Jovem na Galeria de Arte do Cine Belas Artes, em 18 de dezembro.

**16º Salão Paulista de Arte Moderna, São Paulo**  
Júri (pintura): Lothar Charoux, Geraldo C. Decourt, Aldo Bonadei, Walter Lewy e Thomaz Ianelli.

**3º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea de Campinas**  
Júri: Mário Schenberg, José Geraldo Vieira, Jayme Maurício, Harry Laus e Sérgio Ferro.  
Prêmio Pequena Medalha de Ouro.  
Obras: *Atenção...pernas...; Olhe, cuidado...; Aconteceu; Enclausuramento urbano I, II e III.*

**1ª Exposição Jovem Arte Contemporânea – JAC, Museu de Arte Contemporânea – MAC-USP, São Paulo**  
Júri: José Geraldo Vieira, Caciporé Torres (eleitos pela maioria dos artistas) e Walter Zanini.  
Obras: *Revolução, 1967.* Transposição, tintas plásticas e nanquim, 100 x 65 cm;  
*Diálogo fracionado, 1967.* Colagem, transposição tintas plásticas e nanquim, 100 x 66 cm;  
*Atomic, 1967.* Colagem, transposição, tintas plásticas e nanquim, 101 x 63cm.

**IX Bienal Internacional de São Paulo**  
Participa com desenhos que abordam a Guerra do Vietnã, expondo uma posição política antimilitarismo e contrária ao golpe de 1964 no Brasil.

**1968** **1º Salão de Arte Moderna de Santos**  
Júri: Aracy Amaral, Fábio Magalhães, Maria Eugênia Franco, Walmir Ayala e Walter Zanini.  
Prêmio Aquisição (obra *Há...Há...Há...!*).  
Obras: *Há...Há...Há...!* e *Um, Dois, Três.*

Participa do Primeiro Salão de Arte Moderna de Santos e recebe o prêmio de aquisição com a obra *Há...Há...Há...!*. Durante o período da exposição, um grupo de repressão invade o salão e depreda a obra.

Nos anos 1990, Gilberto Salvador decide reconstituir o trabalho *Há...Há...Há...!* e o oferece em doação à Prefeitura de Santos para que seja exposta em local público, mas a prefeitura recusa, alegando não poder se comprometer com essa solicitação. A obra é doada para a Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Produz a serigrafia *É Proibido Dizer Não*, seis meses antes de Caetano Veloso lançar, no Festival da Record, a música *É proibido proibir*.

### 17º Salão Paulista de Arte Moderna, São Paulo

Júri (pintura): Geraldo de Barros, Izar do Amaral Berlinck, Waldemar Cordeiro, Paulo Menten, João Parisi.

Obras: *Tudo ok, viu!; Cuidado com o tiro; Aconteceu, estou caindo.*

### Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul

Ingressa na Associação Internacional dos Artistas Plásticos, ajudando em sua organização.

## 1969

Ingressa no curso de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Monta seu segundo ateliê, com Mauricio Nogueira Lima, no bairro da Consolação.

Em entrevista a Miriam Paglia Costa, Gilberto Salvador comenta que a experiência da FAU contribuiu para dar uma visão profissional e organização para sua carreira como artista plástico.

### X Bienal Internacional de São Paulo

Trabalho de Gilberto Salvador participa de uma sala especial, organizada por Mário Schenberg, denominada *Novos Valores*, que apresentou produções que buscavam novas formas de expressão artística, materiais e suportes não tradicionais.

A mostra ocorre num momento de recrudescimento da ditadura, e vários artistas brasileiros e estrangeiros se recusam a participar, em protesto. Por conta disso, a edição fica marcada como a “Bienal do Boicote”.

### 3ª Exposição Jovem Arte Contemporânea – JAC, Museu de Arte Contemporânea – MAC – USP, São Paulo

Obras: *Rodantes I, II e III* (atualmente pertencentes ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo).

### 5º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea de Campinas

Júri: Mário Barata, José Geraldo Vieira, Aracy Amaral, Waldemar Cordeiro, Waldir Ayala.

Prêmio Aquisição: *Aleatório geométrico*

Obras: *Objeto em programação no raiado I e II; Aleatório geométrico.*

### Salão Paulista de Arte Contemporânea. Secretaria do Estado da Cultura, Paço das Artes, São Paulo

Obras: *Olhe, cuidado! e Não!*

### 1970 6º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea de Campinas

Júri: Frederico Moraes, José Roberto Teixeira Leite, Maria Eugênia Franco, Pedro Manuel-Gismondi, Sérgio Ferro.

Prêmio Aquisição, obras: *Circular I, II e III.*





## GILBERTO SALVADOR

### MEMÓRIAS RESISTENTES

#### REALIZAÇÃO

Galeria de Arte Frente

#### DIREÇÃO

Acacio Lisboa

#### CURADORIA

Fabio Magalhães

#### PROJETO GRÁFICO

Ariel From

#### FOTOS

Lucas Evangelista  
Paula Campoy

#### REVISÃO

Paula Veneroso  
paulaveneroso@gmail.com

#### PRODUÇÃO GRÁFICA

Jamal Jamil El Kadri  
jamaljamil@globo.com

#### ASSESSORIA DE IMPRENSA

Jucelini Vilela - JuVilela Press  
juvilelapress@gmail.com

#### MONTAGEM

Pedro Thiago

#### AGRADECIMENTO ESPECIAL

Agradecemos especialmente ao artista  
Gilberto Salvador, ao curador  
Fabio Magalhães e a Gil Salvador.

#### GALERIA FRENTE

Acacio Lisboa  
Alex Moreto  
Ariel From  
Dorcas Alves  
Ednilza dos Santos  
Érika Lobo  
James Lisboa  
Letícia Pereira  
Lucas Evangelista  
Luiz Nobrega  
Mariana Rosa  
Paula Campoy  
Pedro Thiago  
Renata Lisboa  
Ricardo Amaro  
Sheila Pala

Rua Dr. Melo Alves, 400  
Cerqueira Cesar - SP  
+55 11 3064.7575  
galeriafrente@galeriafrente.com.br  
www.galeriafrente.com.br



